

O pragmatismo chega à Presidência

Vanda Célia

“Sem força política não se faz nada, que ninguém se engane sobre isso”

Presidente Fernando Henrique Cardoso.



CORRÍO BRAZILIENSE

02 JAN 1995

Um presidente respeitado no exterior, com forte apoio do Congresso e cercado de líderes políticos que representam seus canais com a sociedade.

É assim que Fernando Henrique assume o comando do país, depois de ter montado o ministério a partir da negociação com os partidos políticos.

Críticas — “Sem força política não se faz nada, que ninguém se engane sobre isso”, disse um pragmático presidente ao responder às críticas feitas à equipe, escolhida em conjunto

com os líderes do partidos.

Afinal, ele repetiu na transição o que pôs em prática, com êxito, na campanha: valer-se dos canais políticos para manter contato com a população e levar o Congresso a votar suas propostas.

Hábil na conservação do apoio que recebeu do PFL, PTB e PSDB na campanha, ele ampliou o prestígio no Congresso ao incorporar o PMDB, PP e PL, e conquistar a simpatia do PPR.

Houve dificuldades para puxar os peemedebistas, mas Fernando Henrique conseguiu superá-las. Hoje, o maior partido do Congresso (tem 107 deputados e 21 senadores) já está somando na base de apoio ao governo.

Foi o presidente que contou os problemas que teve com os peemedebistas, um deles por causa da escolha do deputado Nelson Jobim para o Ministério da Justiça.

Oposição — Mesmo sabendo da oposição do PMDB, Fernando Henrique informou ao presidente do partido, deputado Luiz Henrique (SC) que só deixaria de nomear Jobim se houvesse veto ao nome do parlamentar. O

veto não veio, claro.

“Engana-se quem pensa que houve submissão dele na montagem da equipe”, afirma o senador Teotônio Vilela Filho (PSDB-AL).

Segundo ele, Fernando Henrique foi hábil ao escalar os auxiliares porque não contrariou quem já estava com ele e ainda conseguiu aumentar o apoio no Congresso.

Surpreendido com a agilidade de Fernando Henrique, o presidente do PFL, Jorge Bornhausen, acha que o país está entregue a um grande líder político.

Líder — Se no comando da economia no governo passado, Fernando Henrique virou um sujeito durão, foi na negociação do ministério que ele voltou a mostrar seu lado político e pragmático.

“O governo tem condições de enviar ao Congresso as propostas de reforma da Constituição e desta forma garantir a estabilidade do plano real”, acredita Bornhausen, debatendo o feito ao sucesso da negociação do ministério.

É este o maior desafio da equipe de Fernando Henrique: conse-

guir aprovar no Congresso as reformas da Constituição.

O vice-presidente, Marco Maciel, foi encarregado de ajudar nesta tarefa, considerada fundamental ao governo. Maciel está otimista

Fernando Henrique também está confiante. Nas conversas com políticos e futuros ministros tem mostrado bom humor e crença no apoio do Congresso e da população.

Confiança — Na avaliação dele a economia terá a condução segura de Pedro Malan e o controle dos gastos será irreversível com José Serra no Planejamento.

É do presidente a decisão de enxugar despesas para ter disponibilidade de recursos e cumprir seu programa de governo.

Nisto, o presidente tem repetido que não abre mão. Quer cumprir todos os compromissos que assumiu com a população ao longo da campanha eleitoral.

Desta maneira, ele acha que vai conservar a popularidade e ajudar o país no exercício do mandato que lhe foi conferido com tanto entusiasmo pelos eleitores.